

JORNAL: R. DE CULTURA VOZES LOCAL: _____

DATA: 1 / 11 / 1970 AUTOR: _____

TÍTULO: _____

ASSUNTO: OPINIÃO 65 VISTA POR CERES FRANCO ANALI
SE SOBRE OS EXPOSITORES

CERES FRANCO / Opinião 65 (trechos)

Opinião 65 é uma exposição de ruptura. Ruptura com uma arte do passado. O exemplo vitorioso da *pop-art* americana e as realizações do *novo-realismo* europeu encontraram eco no jovem artista de vanguarda e encorajaram-no a contestar a famosa afirmação de Maurice Denis, sobre a qual se baseou a pintura abstrata, relegando esta à história.

Se a vanguarda artística mundial derruba assim os conceitos fixados durante tantos anos numa estética cômoda, é porque o artista, hoje, desempenhando um papel novo na sociedade, não aceita o tributo de uma tradição plástica caduca. A jovem pintura pretende ser independente, polêmica, inventiva, denunciadora, crítica, social, moral. Ela se inspira tanto na natureza urbana imediata quanto na própria vida com seu culto diário de mitos.

Rubens Berchman, inspirando-se na fotografia, assume o panfleto para encarar o problema do homem de rua, sugerindo-nos com a pôse desajeitada dos jogadores de futebol os heróis de uma multidão em delírio.

Antônio Dias, esse jovem paraibano de vinte e um anos, nos propõe com seus quadros de *assemblage* uma transfiguração do mundo obsessional de sua infância, onde o sexo e o sangue se mesclam num grande escárnio. Sua técnica tem o vigor do cartaz e o equilíbrio das melhores construções cubistas.

Ivan Freitas capta o tempo, deixando-nos como que gravada na retina a imagem meio-abstrata da iluminação noturna das cidades desertas, com seus grandes planos de ruas iluminadas de reflexos coloridos.

Hélio Otteica, fantasista em seus parangolés, cria uma arte tridimensional de participação, inspirada na tradição do folclore musical dos subúrbios cariocas.

Pedro Escosteguy constrói escrupulosamente o círculo, cujo maior espetáculo ninguém terá tempo de ver — a explosão da bomba atômica. Seu relêvo pintado de preto, com dizeres minúsculos, tem o peso de uma profecia trágica e ameaçadora.

Ivan Serpa e Waldemar Cordeiro guardam vestígios, nos seus trabalhos atuais, de uma experiência de arte concreta. O primeiro controla sobre a tela os elementos figurativos de seu semanticismo gráfico numa *mise-en-page* construída, geométrica. O segundo, num delírio barroco, se apodera dos objetos cotidianos, transformando-os, cortando-os implacavelmente com o serrote, para nos revelar, através da linha reta, o segredo desses mesmos objetos.

Gastão Manoel Henrique aprisiona nos seus objetos um espaço sagrado, consequência de seus relevos anteriores.

Vergara, esse jovem pintor gaúcho revelado no último Salão Nacional de Arte Moderna, responde com seu *general*, prêsso entre o grafismo e a matéria, aos desenhos sobre o mesmo tema do argentino Vañarsky. Ambos fasciados pelos heróis de nossa tumultuosa sociedade.

Numa tentativa de moralização, a jovem pintura acusa e denuncia o homem, simultaneamente (...) com José Roberto Aguilar e grito profundo e contorsão; um herói de sélo de carta, com Roberto Magalhães (...)

Rio de Janeiro / 1965.

(Ceres Franco nasceu no Rio Grande do Sul e vive atualmente em Paris.)

pag 8

pag 15 pag 682